

## AFEGANISTÃO – DE REGRESSO A DOHA

Em artigo aqui publicado no final de Agosto, sob o título *Afeganistão – A Retirada da Guerra*, sobre a atribulada evacuação das tropas aliadas daquele país asiático, admiti que iriam “fazer-se, no Congresso dos EUA e nos parlamentos de outros países, inquéritos para apuramento das responsabilidades, pelo que nos encontramos, ainda, no desconhecimento de factos importantes”. No que respeita aos EUA, os primeiros passos nesse sentido tiveram lugar em 28 de Setembro.

O senador James M. Inhofe (Okla.), elemento republicano mais destacado do Comité das Forças Armadas do Senado dos EUA, nas suas declarações de abertura, fez questão de destacar as piruetas da política de segurança americana, recordando que *passámos da atitude de “nunca negociar com terroristas” para a de “temos que negociar com terroristas”*. *Os senhores sabem que, ao longo dos anos em que aqui tenho estado, ouvimos uma e outra vez: não negociamos com terroristas. E, agora, passou a ser necessário.*<sup>1</sup>

Esta declaração parecia ser uma censura aos acordos de Doha, firmados ainda durante a anterior administração republicana, deixando perceber o imenso desconforto em que as audições se iriam processar.



Milley – Austin – McKenzie

Contrariamente ao que poderia esperar-se, a audição no Congresso dos EUA, durante o qual foram duramente interrogados os generais Lloyd Austin (Secretário da Defesa), Milley (Presidente da Junta de Chefes de Estado-Maior) e McKenzie (titular do Comando Central), não trouxe um significativo acréscimo de elementos novos, que justifiquem o espantoso insucesso do que deveria ter sido uma “retirada da guerra” relativamente tranquila. Para além da revelação de que todos os referidos generais procuraram, sem êxito, convencer o governo americano a manter no Afeganistão uma força de cerca de 2.500 homens – o que não era compatível com o acordo de Doha –, voltou a falar-se no falhanço dos serviços de informações, os quais não haviam antecipado o colapso do governo afegão e o súbito “adeus às armas” das

---

<sup>1</sup> BLAKE, Aaron, *4 takeaways from the Mark Milley hearing*, Washington Post, 29-09-2021.

forças armadas dependentes do governo de Cabul. No entanto, o general McKenzie não deixaria de recordar a sua ‘impressão pessoal’, ao afirmar que “chegou a pensar que a redução dos assessores militares americanos para um número inferior a 2.500 levaria ao inevitável colapso do governo de Cabul e que se seguiria o das forças armadas”.<sup>2</sup> O secretário Austin concordaria com as declarações de McKenzie e acrescentaria que “o acordo de Doha também impunha que os EUA pusessem fim aos ataques aéreos contra os Talibans, o que os tornou mais fortes nas operações ofensivas contra as forças armadas afegãs”.<sup>3</sup>

Neste mês e meio que se seguiu à surpreendente humilhação da mais poderosa máquina de guerra mundial, seria de esperar que – sobretudo no campo da oposição à administração Biden – viesse a ser apresentada uma fórmula competente para, no seguimento dos acordos de Doha, estabelecidos, em Fevereiro de 2020, entre o governo de Donald Trump e os Talibans, a operação de *evacuação não-combatente* fosse coroada de sucesso. Tanto quanto sei, essa argumentação não terá surgido – tanto na audição como em artigos de opinião –, pelo que, sendo do conhecimento geral como a operação “correu mal”, ainda não se sabe como “poderia ter corrido bem”.

Sendo seguro que, da consulta à História, é possível identificar diversas operações militares que, tendo corrido mal, dificilmente poderiam correr bem, o caso da operação de *evacuação não-combatente* de Agosto de 2021, uma vez que fora prevista num acordo entre as partes beligerantes, não parece que estivesse condenada ao insucesso. Atrevo-me mesmo a afirmar que, se um problema deste teor fizesse parte de um Tema do Curso de Estado-Maior Conjunto do nosso Instituto Universitário Militar, não faltariam alunos capazes de lhe encontrar a adequada solução.

Tratar-se-ia, então, de assegurar politicamente, NO ACORDO DE DOHA, que, garantidamente, não seria possível a enorme confusão a que o mundo inteiro pôde assistir, com o aeroporto Hamid Karzai de Cabul literalmente cercado por forças taliban, num cenário de extrema insegurança que iria proporcionar o atentado mortífero de 26-08-2021. Apesar de todo o processo ter sido conduzido de forma unilateral pelo governo dos EUA, do acordo de Doha resultava, no essencial, o seguinte cenário:

Os EUA e os seus Aliados, cessando a beligerância, comprometiam-se a ir reduzindo progressivamente a sua presença militar no Afeganistão, num programa com a duração de 14 meses (01-03-20 a 30-04-21) e a fazerem troca de prisioneiros; O Emirato Islâmico do Afeganistão comprometia-se a não colaborar, sob qualquer forma, com organizações terroristas, nomeadamente a Al-Qaeda, nem a permitir-lhes a utilização do território afegão.

Como o governo de Cabul não fora parte do acordo, parece que na mente dos negociadores americanos era dado como certo que as suas forças continuariam em guerra com os Talibans, o que pressuporia a garantia de uma RETAGUARDA, protegida pelo exército regular do Afeganistão, a qual permitiria um embarque tranquilo das últimas forças aliadas. Tratava-se, por conseguinte, de uma SUPOSIÇÃO, e não de uma certeza, circunstância que colocava em risco a boa execução do acordo.

É improvável que os negociadores americanos não tenham, antes da assinatura do acordo, consultado o Pentágono para obtenção da indispensável aprovação, visando a EXECUÇÃO das acções acordadas. Parece que as autoridades americanas andam a sugerir que essa aprovação

---

<sup>2</sup> *The Guardian*, 29-09-2021.

<sup>3</sup> *Ibidem*.

foi dada. Se assim foi, foram sumamente imprudentes e arrogantes. É que, se o Tema fosse levado a uma aula do Curso de Estado-Maior Conjunto do Instituto Universitário Militar, em Pedrouços, vários alunos, colocando-se no papel de assessores militares dos negociadores de Doha, proporiam acrescentar ao texto do acordo a seguinte medida de coordenação:

***É estabelecida uma Linha de Fase Vermelha definidora de uma área que ficará interdita às forças taliban até à conclusão da operação de evacuação; a ultrapassagem desta linha para o interior da zona aliada será considerada uma violação do acordo e reprimida pela Força Aérea dos EUA.***



Se bem que a não-adoção de uma medida deste tipo pelas autoridades dos EUA pode ser explicada por uma sobrançeria do mesmo tipo que tornou possíveis três históricos desastres americanos – o ataque japonês a Pearl Harbour (1941), a acção da al-Qaeda contra o World Trade Center (2001) e o assalto ao Capitólio de Washington (2021)<sup>4</sup> –, do ponto de vista estritamente militar permite supor que houve, também, uma falha grave da parte do alto-comando militar americano – *dereliction of duty*, na terminologia anglófona –, onde o carreirismo e a cobardia moral típica dos “yes men” terão tido um papel decisivo. Assim o entendeu o tenente-coronel dos *Marines* Stuart P. Scheller Jr. quando, através de um vídeo, tornou pública a sua indignação perante as circunstâncias que levaram à morte de 13 militares americanos, no atentado de 26 de Agosto:

*A razão pela qual presentemente tantas pessoas estão revoltadas nas redes sociais não é por os Marines terem visto tombar alguns dos seus no campo de batalha. As pessoas revoltam-se porque os seus comandos superiores os deixaram tombar e nenhum deles está a erguer o braço e a aceitar a responsabilidade, ou a dizer “fomos nós que permitimos esta trapalhada” (We messed this up).<sup>5</sup>*

<sup>4</sup> V. neste blogue, na secção ACTUAL, *TRÊS SURPRESAS RAZOAVELMENTE PROVÁVEIS / Pearl Harbor – 11 de Setembro – Capitólio.*

<sup>5</sup> Marine Corps Times, Monday, Aug 30.

A corajosa atitude do tenente-coronel Scheller provocou uma onda de aplauso nos EUA, especialmente da parte de apoiantes do ex-presidente Donald Trump, os quais procuraram retirar dividendos políticos do fracasso de Cabul. Scheller reagiu a estes aplausos de forma reveladora do seu elevado patriotismo, ao declarar:

*Presidente Trump. Toda a gente me diz para me juntar aos seus apoiantes e ao seu poder. Recuso. Embora respeite as suas posições em matéria de política externa, detesto a forma como dividiu o país. Não preciso da sua ajuda nem a quero. O senhor não tem capacidade para unir os americanos.*<sup>6</sup>

Enquanto Scheller, entretanto detido, se prepara para sofrer as consequências disciplinares da sua atitude, tornam-se mais nítidos os novos horizontes geopolíticos. Agora que os EUA se libertaram do pesadelo afegão, ficam livres para enveredar por nova aventura militar. O que virá a seguir? O apetite estratégico, formulado através de decisões políticas recentes e da intensa publicação de opiniões, apontam para palpitantes desenvolvimentos nas imediações da China.

David Martelo – Outubro de 2021

---

<sup>6</sup> BREST, Mike, \$2 million raised for Marine in the brig for speaking out against Afghan chaos, Washington Examiner, 02-10-2021.